

A LIBERDADE DE PENSAMENTO

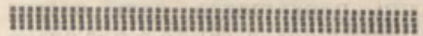
Por RAUL REGO

Na encíclica de João Paulo II se diz que «a Igreja não precisa de reafirmar até que ponto o problema dos direitos humanos se encontra estreitamente ligado à sua missão no mundo contemporâneo». No mundo contemporâneo e no mundo de sempre, parece-nos. A grande tragédia dos primeiros cristãos, perseguidos por fugirem ao culto oficial e único imposto a todos os homens é a consequência da reclamação dos direitos do homem, do direito de pensar livremente e de livremente escolher o culto a render à divindade ou até a de não render culto a divindade nenhuma.

Em determinados tempos e países, a mesma Igreja se pagанизou, tornando obrigatória e exclusiva a sua crença, o seu culto e combatendo o livre pensamento. Verdade seja que também nunca percebemos porque é que livre pensamento se tornou sinónimo de ateísmo ou simplesmente de agnosticismo. De verdade tão livremente tem

de pensar o católico como o maometano, como o judeu ou o protestante, já que a adesão a esta ou aquela religião é uma consequência de os homens poderem pensar livremente e aderir ao que mais conforme se lhes afigure com a sua personalidade. A adesão livre varre do contexto social a hipocrisia, afasta aqueles cuja ideia política ou religiosa é ditada por

Conclui na página 2



1.º DE MAIO

A Festa do Trabalhador teve, principalmente, nos grandes centros, o brilhantismo que merecia.

Se é, efectivamente, uma festa de unidade, deve sê-lo, também, de ponto de partida

para uma melhor aceitação de responsabilidades em todos os sectores da vida nacional.

Todos devem colaborar no ressurgimento da Pátria e nos seus caminhos de Justiça e de paz, de progresso e prestígio, com uma vontade férrea de trabalhar.

O trabalho deve ser dignificado pelo trabalhador para que os seus direitos sejam respeitados e indiscutíveis.

A Festa do Trabalhador foi uma autêntica jornada de unidade e de força consciencializada e firme.

ram, têm de permanecer e realizar-se com a dignidade, o trabalho e o patriotismo de todos os portugueses.

"25 de Abril"

A passagem do quinto aniversário da revolução do «25 de Abril», também foi assinalada nesta cidade com expressivas demonstrações de regozijo.

O povo, que representa a verdadeira alma nacional, colaborou, com o maior entusiasmo, nalguns actos realizados, demonstrando a sua identificação com os altos ideais e os nobres objectivos do movimento revolucionário, que deu ao país uma nova e diferente feição política.

A mística do movimento não pode perder-se nem em querelas políticas nem em demagogias ba'ofas.

Os ideais que inspiraram os capitães de Abril e quantos os acompanha-

Erros Alimentares e Saúde Pública

No prosseguimento do Ciclo de Colóquios subordinado ao tema A Saúde em Portugal, vai o «Convívio» realizar, na sua Sede Social, amanhã, sábado, pelas 21,30 horas, mais um debate sobre um assunto candente e que se dirige à população em geral.

Trata-se do problema que se relaciona com a alimentação dos portugueses, dos seus erros e incidências na Saúde Pública.

Dirigirá este colóquio, o conhecido especialista na matéria, Dr. Emílio Peres, médico endocrinologista, chefe clínico do Serviço de Endocrinologia do Hospital de S. João e encarregado da docência

Conclui na página 3

Ao correr da pena

Um importante discurso

O extraordinário interesse com que se aguardava o discurso do Senhor Presidente da República no passado dia 25, não foi desmentido nem houve desilusão, porque foi de facto um grande discurso, daqueles que o povo diz: «de tirar as pedras do caminho», mareando um rumo novo com decisão e firmeza no sentido de clarificar o ambiente pressagoso que se tem mantido e cristalizar as águas turvas que os interesses partidários têm poluído com as suas desavenças e questúnculas.

O Senhor Presidente da República falou com a autoridade que tem das suas altas funções, mas recorde-se que as profere como representante eleito directamente pelo povo. Ora esta dignidade é por vezes encarada sem aquele reconhecimento que lhe é devido.

O povo português elegeu para deputados à Assembleia da

— CONCLUI NA PAGINA 3

Tapeçarias de Pastrana nos Paços dos Duques de Bragança EM GUIMARÃES

Publicou, recentemente, «Jornal de Santo Tirso», uma crónica de A. Luís Gomes sobre as Tapeçarias de Pastrana que se encontram nos Paços dos Duques de Bragança.

Vamos transcrevê-la em algumas edições sucessivas, dado o seu alto interesse e a revelação de pormenores talvez desconhecidos da maior parte dos vimezanenses:

I

Pelo alto valor que encerram —artístico e histórico— e grande interesse decorativo destas espécies que figuram nestes Paços, próximo de Santo Tirso, e por se dever principalmente a um muito ilustre santirsense o Professor António Carneiro

Pacheco a sua aquisição pelo Estado, em 1955, depois de laboriosas e difíceis diligências, tem, a meu ver todo o cabimento que nas colunas deste jornal se descreva o que se passou de essencial para atingir este resultado, difícil quanto desejado.

Incumbe-me fazê-lo porque

Conclui na página 2

Breves reflexões

Tarde de domingo de sol «entre-núvens» — com luz débil e esmaecida. Vizela tinha movimento desusado. Havia festa. A comemoração do primeiro centenário da Confraria do Senhor da Boa-Morte. A vila encantadora é ciosa dos seus pergaminhos e tradições. Nada deixa perder nem esquecer. Mas o destino era outro: Santa Eulália de Barrosas. E lá fomos.

Pelas bermas muitas casas e muito povo. Há trinta anos não era assim. Havia mais ruralismo e mais discrição. Mas

Conclui na página 3

Contemplação

Espraio o meu olhar
Pelo silêncio desta madrugada
Tão branca e solta que me purifica
Na sua transparência murmurada.

Madrugada de espantos concentrados
Nas mansas neblinas
Em que ensaiam lentos passos de dança
As nuvens bailarinas.

Madrugada de loiros reflexos
A que chamam Aurora
Um retrato a pintar de corpo inteiro
Na memória perfeita desta hora.

Soledade Summaviello

REPAROS de perto e de longe

Não estarão esquecidas

Já abordámos o assunto em comentário recente: as festas da cidade no ano que decorre. Algumas pessoas interrogam-se sobre a sua realização, dado

que estamos em Maio e não se conhece qualquer movimento de acção a elas ligado.

Julgamos, no entanto, saber que as festas não estão esquecidas por quem já se pronunciou, em devido tempo, sobre a sua realização em Agosto.

E' evidente que as responsabilidades são assumidas e tornam-se indeclináveis para toda a gente que dá e cumpre a pala-

— Conclui na página 4

Palavras que não pude pronunciar

Minhas Senhoras e Meus Senhores:

Na minha idade, não sei já, se devo preferir o cemitério da vida ou o cemitério da morte.

No cemitério da vida as dores físicas custam a suportar e as dores morais são incuráveis, enquanto que no cemitério da morte acabam umas e outras, quando entramos no Campo da Horizontalidade e da Saudade.

Relembrando o meu passado, sinto já a falta dos meus companheiros de infância, indo hoje a enterrar mais um, o Miguel Sequeira Braga; os meus amigos da mocidade e Homens que eu muito admirava, estão já também quase todos delídos pelas portas da morte.

Ao destino ninguém lhe foge e eu não pude fugir ao meu, assim como o Miguel não pôde fugir ao seu.

Amigos desde criança, fomos condiscípulos de estudo e entramos no mesmo dia à inspecção militar, contudo os nossos caminhos foram diferentes.

Enquanto eu fiquei pela vida civil, enfrentando uma escória social que ele também sentiu, o Miguel escolheu a carreira militar que abraçou com dignidade própria, atingindo o posto de Coronel, na hierarquia do exército com brio e verticalidade.

Encontrei-o, pela última vez, há poucos meses, na Sociedade Martins Sarmento e após um sorriso aberto de amigos íntimos que se encontram, o Miguel transportou-se logo para aquela tristeza mórbida e constante duma saudade perene que a morte dum filho querido o amargurou.

Morreu o Coronel Miguel Martins Sequeira Braga e o seu calção foi envolto na Bandeira

Nacional, prova provada que muito a honrou.

Quem dera que o seu exemplo frutificasse para podermos dizer, parafraseando um pensamento do falecido Bispo do Porto, Rev.^{mo} D. António de Castro Melreles:

«Neste momento, surja a onda esplendorosa de bons Portugueses, para que a nossa Bandeira nunca se enrole, mas que a todos os momentos se desfralde para a sua grandeza, para a grandeza da Pátria».

Neste doloroso momento, resta-me somente envolver toda a Família do Coronel Miguel Martins Sequeira Braga no mesmo abraço do meu amargo sentir.

26-4-1979.

Manuel António de Castro.

TAPEÇARIAS DE PASTRANA nos Paços dos Duques de Bragança

(Conclusão da 1.ª pág.)

pelas funções que exercia, então, tomei parte em todas estas diligências e desloquei-me propositadamente a Madrid para receber as tapeçarias que acabavam de ser entregues pelo Governo Espanhol, com certa solemnidade, a Carneiro Pacheco, na sua qualidade de Embaixador de Portugal, quando se encontravam em exposição na Biblioteca Nacional daquela Capital.

Trata-se de réplicas executadas na Real Fábrica de Tapices com perfeição, das originais que se encontram na Igreja da Paróquia de Pastrana (pequeno lugar de Espanha e que não foi

conveniência de momento e não por convicção firme do espírito.

E' claro que só o homem livre se pode emancipar, pode aderir a esta ou àquela Igreja, ser deste ou daquele Estado, optar por esta ou aquela cidadania. Daí que a liberdade religiosa seja apenas uma forma de exprimir a ansia de libertação do homem, de viver a sua vida própria, sem outras dependências senão as que possam dar mais esplendor ainda à nossa vida. Nem é por acaso que as restrições aos movimentos do homem andam quase sempre a

possível negociar, a dinheiro ou por troca, dada a obstinada resistência das autoridades eclesiásticas competentes.

Não havia outra solução e Carneiro Pacheco aproveitou e conseguiu pelas suas excelentes relações no Ministério dos Negócios Estrangeiros do país vizinho que fossem cedidas a Portugal essas réplicas que tinham sido encomendadas pelo Governo Espanhol e trabalhadas com todo o rigor e esmero.

Representava um trabalho de cerca de dez anos abrangendo o seu estudo, a preparação e a execução até final.

As tapeçarias estão inteiramente ligadas à história portuguesa do Reinado de D. Afonso V e à Sereníssima Casa de Bragança e daí o justificado empenho de as trazer para Portugal.

Representam — O Desembarque das tropas portuguesas no Norte d'Africa, o Cerco para a Tomada de Arzila e a Tomada e Entrada em Tanger, sob o comando do Duque de Bragança D. Jaime que conduzia o seu alarde, insignia do Estado de Bragança, e Senhor de Domínios que ombrevavam com os dos Reis de Portugal. Este Duque tinha sido Condestável e Herdeiro do Trono antes do nascimento de D. Sebastião — uma figura histórica que à frente dos seus homens e à custa da Fazenda da sua Sereníssima Casa ligou o seu nome e manifestou a maior coragem e decisão para este feito de guerra de importantes consequências para a fixação de Portugal em Marrocos. Um sonho, pensamento e destino da Dinastia de Aviz que se desfez na trágica Batalha de Alcácer Kibir onde o futuro Duque de Bragança, D. Teodónio I com 10 anos combateu ao lado de D. Sebastião. A Batalha dos Três Reis que ali encontraram a morte e Portugal perdeu a independência dois anos depois, até à Restauração de 1640.

As tapeçarias cedidas por atenção especial do Governo Espanhol, pois já tinham outro destino, custaram precisamente 1.950,390 pesetas e foram pagas por verba orçamental — cerca de 3.000 contos — criada para o efeito. Vieram seguras cada

par das restrições à liberdade de pensamento e de expressão. São formas de manietação do homem, maneiras sob que nos aparece, como diz o rev. J. Alves Correia, no subtítulo de «A Largueza do Reino de Deus», «o anticristo proteiforme». Quando se impõe uma religião única, ainda que seja a religião do ateísmo, busca-se acima de tudo evitar o contacto dos homens com outros homens, de um pensamento com outros pensamentos. Tudo é por acaso que nos países em que a liberdade de pensamento não existe se não admite também a liberdade de movimento, a saída livre para outras terras, a entrada livre de outras gentes.

As doutrinas indiscutidas, como os exércitos não postos à prova, tornam-se em geral imbeles. Toda a sua força lhes vem do policiamento que se faz às doutrinas contrárias, a livros, jornais, à palavra, que as queiram expandir. Não é difícil encontrar no decorrer da História os momentos mais baixos desta ou daquela religião, de uma seita ou outra, os tempos que se seguem ao protecçãoismo, até pela violência, de um príncipe ou outro. E em geral o esplendor das mesmas, as suas grandes realizações, surgem nas épocas de maior contestação. Porque só contestadas mostram a sua capacidade de resistência, o seu valor que representam na consciência humana.

Quando o Papa João Paulo II insta pelo respeito da liberdade religiosa, não é um privilégio que pede, é um direito que reclama para os crentes como tem de ser concedido aos

uma em 500 contos, mas valem seguramente na época actual muito mais.

Além do renome de que goza justamente a Real Fábrica de Tapices de Espanha, manufatura do Estado, estas réplicas foram cuidadosamente estudadas, e confrontadas com os originais, por pessoas abalizadas como o Prof. Reynaldo dos Santos e Raul Lino, Superintendente Artístico dos Palácios Nacionais, e a impressão foi a melhor.

Concluiu-se, sem discrepância, que pela fidelidade da execução e o tema a aquisição das réplicas era uma medida de verdadeiro interesse nacional.

Agradecimento ao Ex.^{mo} Sr. Dr. António Antunes da Cunha

Venho publicamente manifestar todo o meu sincero agradecimento ao distinto cirurgião vimaranense Ex.^{mo} Sr. Dr. António Antunes da Cunha, pela maneira zelosa e competente como tratou da minha doença, bem como da operação a que fui submetido no Hospital Distrital de Guimarães, da qual me encontro já completamente restabelecido.

Desejo, também, tornar extensivo este agradecimento ao pessoal de enfermagem e empregadas do salão de cirurgia-homens do referido hospital pelo carinho que me dispensaram, assim como às pessoas amigas que me visitaram, ou de qualquer outro modo se interessaram pela minha saúde.

A todos expresso aqui a minha indelével gratidão.

AUGUSTO FERNANDO DE FARIA.

Calendário

A importante e conceituada firma fábrica de Calçado dos Carvalhinhos, L.^{da}, de Felgueiras, teve a amabilidade de nos oferecer, como o vem fazendo há muitos anos, alguns exemplares do interessante calendário de mesa que edita, com ilustrações de propaganda do seu fabrico, que se impõe nos mercados nacionais e internacionais.

Agradecemos.

não-crentes, o direito à indiferença. E quando nos diz que «a Igreja partilha a alegria desta conquista», a de o homem poder decidir por si mesmo aquilo a que há-de aderir ou rejeitar, já nos dissera antes e voltamos a repetir, que a Igreja não necessita reafirmar até que ponto o problema dos direitos humanos se encontra estreitamente ligado à sua missão no mundo contemporâneo». Não será esta linguagem muito diversa de quantos se empenham entre nós, saudosos dos tempos em que se calava a boca aos adversários, vêm agora à praça pública insultar doutrinas de muitos concidadãos, as crenças políticas, sociais ou religiosas, de muitos dos nossos vizinhos?

O respeito que devemos uns aos outros, a liberdade que temos de pensar diferentemente do nosso vizinho, não nos deve atirar contra ele e insultá-lo só porque ele é maometano e nós católico, só porque nós julgamos que não há salvação fora da nossa verdade. Se a Igreja católica respeita os direitos humanos e os invoca quando necessário, não é para insultar quantos optam pelo direito à sua religião, à sua política, fora da mesma Igreja. Na realidade atacar a religião em nome do livre pensamento é tão pouco lógico como atacar o livre pensamento em nome da religião.

O Papa apela para a tolerância ele que nem sempre a conheceu na sua vida, que viveu momentos difíceis de quem vê negar-lhe a liberdade religiosa ou política. A liberdade verdadeira não conhece fracções. Em nome do marxismo, na sua Polónia natal, se apertariam muito os movimentos aos sacerdotes católicos; não será o mesmo que vir, em nome do catolicismo, insultar o marxismo, neste outro extremo da Europa?

Tal como a liberdade é só uma, também a intolerância é igual, seja a intolerância política, social ou religiosa.

«Correio do Minho».

Associação dos Amigos de Ferreira de Castro

Constituiu um dos pontos altos das Comemorações do Cinquentenário de «A SELVA», a conferência-colóquio proferida pelo distinto crítico e escritor professor Óscar Lopes, na Escola Industrial e Comercial de Oliveira de Azeitões.

Presidindo à sessão o Dr. Artur Hespanha, Dr.^o Benilde Petiz e Dr. Miguel Castro, o orador iniciou a sua dissertação com uma afirmativa de vir cumprir um dever de gratidão antiga para com um filho do povo que escreveu sobre o próprio povo e de quem foi amigo pessoal.

Passou, então, a evocar os escritores naturalistas que antecederam Ferreira de Castro, tais como Abel Botelho, Raul Brandão, etc, debruçando-se logo a seguir sobre a vida e Obra de Ferreira de Castro, que disseçou com muita mestria, passando depois a analisar o Livro «A SELVA» no qual, entre outros aspectos, quis salientar o poder de evocação do escritor na descrição da paisagem luxuriante da Amazônia, considerado o facto de que o livro foi escrito em 1929 e o

seu autor ter vivido episodicamente na selva amazónica de 1912 — 1915.

Depois de se ter referido às páginas de consagração de «A SELVA», tais como a descrição da viagem, na «Gaiola», rio amazonas acima, do rio, riachos, labirintos, torrentes de tufo de vegetação à deriva no rio, etc, Óscar Lopes passou para a descrição do ambiente da selva no Seringal onde trabalhavam, lado a lado, emigrantes, retirantes, caboclos, mulatos, e o humanismo, compreensão e simpatia que o escritor dispensava a todos perante as condições desumanas ali existentes.

Afirmou que foi com o livro «A SELVA» que a literatura portuguesa se tornou mais conhecida no mundo; frisou, a seguir, que hoje são poucos os ensaístas que se ocupam em falar ou escrever de Ferreira de Castro (ou sua Obra), terminando por reconhecer no escritor «um Homem que todos admiramos porque é inesquecível como Homem e como escritor».

Seguiu-se colóquio.

Conclui na página 3

Breves reflexões

(Conclusão da 1.ª pág.)

a paisagem revelou-se igualmente suave e poética, com longes vivos de cores e ressonâncias campestres. Alguns momentos alegres e inesperáveis passaram com companheiros e amigos de oiro fino, há tantos anos. Nunca mais lá fomos nem por lá passámos. Quase todos morreram já. Nós ainda por cá andamos enquanto Deus quiser. E só Deus sabe quanto custa andar por cá, no meio de tantas injustiças e a esbarrar com cretinos e «macacos» de toda a ordem e feitio...

A luz débil do sol esmaecido iluminou-nos o caminho até ao cemitério de Santa Eulália. Foi a vez primeira que visitámos o túmulo dum velho amigo falecido há poucos anos. E o pensamento foi para uma convivência social em Vizela que era pura como hoje o não será tanto, com homens de envergadura moral e intelectual. Diálogos vivos, temas atraentes, opiniões divergentes mas de alevantada expressão política e filosófica. Discussões até de madrugada e noites de boémia. Amigos na expressão mais fiel e dum honestidade e correção inconcussa.

...Um diálogo discreto com aquele túmulo onde jaz um velho amigo de tempos que não voltam e são uma saudade imensa. Talvez haja sido para nós, no silêncio das veredas do cemitério, uma nova, grande e tremenda lição. Esses amigos moram no campo da verdade e nós deambulamos num mundo de mentiras. Se pudéssemos escutar a sua voz, o que teriam eles para nos dizer! E o que deixamos nós de lhes dizer no silêncio dos diálogos que já não são bem deste mundo. Silêncio que fala, que nos estremece, que grita à nossa inutilidade a grandeza eterna das verdades indestrutíveis. Meu Deus! ...Lá estavam e lá ficaram umas flores na lájea do túmulo e a ressonância das nossas palavras em oração. Em frente dum túmulo, a oração é qualquer coisa de místico e ténico que não se descreve. É a vida que fala e acena à morte.

Adeus, velho amigo e companheiro das noites de boémia e das canseiras de outros tempos!

Nada dissemos, afinal, da visita e da saudade que nos levou ao teu túmulo naquela tarde de sol de fraca luz. Nada se diz nem se pode dizer em frente dum túmulo. A verdade está do vosso lado. Não a sabemos como vós a sabeis. Mesmo assim, quantas lições aprendemos! Trazemos maior a saudade e a angústia da própria vida!...

J. de G.

Ao correr da pena

CONCLUSÃO DA PÁGINA 1

República membros de partidos e um ou outro independente, mas para a Presidência da República votou num cidadão livre. Quer dizer que, enquanto os deputados efeitos representam este ou aquele círculo eleitoral e é em nome deles que falam, o Senhor Presidente da República é o único que representa todo o povo.

Pode o seu discurso não agradar a qualquer partido ou a qualquer corrente doutrinária, mas é o povo que tem a última palavra. Ora esta última palavra não é de desagrado.

E' que neste momento que se atravessa, difícil e intranquilo, todos esperam palavras da verdade e actos que sejam as soluções imediatas dos gravíssimos problemas que afectam a Nação.

E não é com ministérios sem estabilidade e duração que as soluções podem ser encontradas.

A agricultura nortenha

O Senhor Ministro da Agricultura e Pescas Eng.º Vaz Portugal, afirmou na AGRO-79, que a agricultura nortenha é, sem dúvida, um sustentáculo da agricultura portuguesa e mais disse: «que vamos ingressar na CEE o que exige um determinado tipo de evolução da nossa agricultura e, eu espero, e é um desafio que faço que a feira para o ano já comece a encarar as perspectivas de adesão do nosso país ao Mercado Comum». Mais afirmou: «Esta visita ao Norte foi extraordinariamente positiva. Como técnico, estou a dinamizar os serviços técnicos do Ministério e, como a regionalização recentemente institucionalizada, iniciamos os primeiros contactos com este esforço que o Ministério está a fazer, exactamente a regionalização».

Estas afirmações do Senhor Eng.º Vaz Portugal merecem além de serem relevadas, um comentário que com o devido respeito nos parece ser útil. Diga-se de princípio que a agricultura do Norte não é um labor pobre nem aquela «arte de empobrecer alegremente» de que falava Alexandre Herculano, como nunca foi também trabalho de «escravos da gleba» que certos políticos de almanaque, se compraziam em apelar, copiando frases e slogans de outras gentes e de outras terras. Quando depois de 74, numa reunião televisiva entre camponeses do Norte e do Sul, os homens da lezíria ficaram surpreendidos ao saber pela boca de um transmontano, que a casa do camponês da serra lhe pertence além de umas pequenas belgas de cultivo. Casa pobre, construída de rebos, aonde vive a família e as reses debaixo das mesmas telhas e que no tempo das neves o calor de uns aquece o frio dos outros. Isto que daria «pano para mangas» de propaganda anti-burguesa na Imprensa Internacional, não teve retumbância nem eco, porque, as casas eram propriedades próprias e, portanto, desprovidas de interesse publicitário.

A agricultura do Norte é somente pobre de técnica e carecia essencialmente de orientação para melhorar os seus processos ancestrais de cultivo. Precisa que os técnicos venham pessoalmente de mostrar-lhe como se faz uma agricultura moderna. Dizemos, demonstrar, porque, ensinar-lhe é perder tempo e feitiço. A filosofia do camponês nortenho é esta: se o que lhes ensinam não resultar quem paga a renda ao senhorio? Sem o profundo conhecimento desta forma de pensar, nada se consegue. O agricultor faz o mesmo que o seu avô ou vlsavô fazia, porque sabe que dá resultado e os seus avós sustentavam a sua casa, cuidavam dos filhos e ainda amealhavam o seu pataco e, por essa razão, têm relutância em meter-se em processos novos.

Quando há quarenta anos uma campanha cerealífera defendia o emprego de adubos químicos, seguiu-se um melo que deu excelentes resultados. As entidades oficiais alugaram campos nesta e naquela freguesia, amanharam a terra, fizeram a sementeira, adubaram, cuidaram e o seu produto era dado ao caseiro do respectivo campo. Todos os lavradores vizinhos e das próximas freguesias foram vêr e aguardaram depois a colheita para verificarem o seu resultado. Como este foi bom, começaram daí a fazer uso dos adubos até ao seu emprego indiscriminado, pois chegaram a abolir totalmente os estrumes naturais, a ponto de muitas terras se tornarem improdutivas ou as suas colheitas mal cobrirem os gastos do seu amanho!

Sabe o senhor Ministro muito bem, que as terras do Norte devido à abundante pluviosidade se tornam ácidas em demasia, exigindo mais calagens do que adubos. Pois bem, o lavrador não sabe empregar a calagem porque o não viu fazer. Lá ouvir, tem ouvido, mas a sua vetusta filosofia não o aconselha — quer vêr primeiro o seu emprego e verificar depois o seu resultado.

Ora é isto, Senhor Ministro, o que a agricultura nortenha espera. Venham os técnicos e adquira o Ministério as quintas necessárias, para as transformarem em pilotos da nova agricultura de modo que os lavradores tomem directo conhecimento dos melhores e mais modernos processos de amanho e cultivo. Não faltam quintas à venda por toda a parte, em virtude das mesmas não interessarem dado as suas baixíssimas rendas àqueles antigos proprietários, a cuja acção e devoção se deve o enriquecimento do agro, dotando-o com tudo quanto lhe era necessário para fazer da lavoura do Norte o sustentáculo da agricultura portuguesa, embora os crismem de absentistas e de os condenarem por isso. Sem o seu esforço e o seu dinheiro, essa agricultura não era presentemente a profissão mais rendosa e a mais abastada, desmentindo assim a estupidez sectária de quantos a consideram negreira de escravos.

Mentira soez, espalhada sem pudor com fins de ódios políticos.

Isto era Senhor Eng.º Vaz Portugal a renovação da agricultura do Norte, bem diferente de qualquer reforma, mas que tem de ser feita pelos técnicos, por quem sabe e por quem a entenda, sem a interferência de ignorantes nem por processos estranhos,

Associação dos Amigos de Ferreira de Castro

Conclusão da 2.ª página

Ferreira de Castro morreu no alvorecer da Democracia em Portugal, a 29 de Junho de 1974.

Sua Obra é um precioso legado espiritual de dimensão mundial devotadamente escrita em prol dos desprotegidos, dos explorados e dos oprimidos. Seus livros estão traduzidos em 21 línguas cultas e isto representa universalismo.

Porém Ferreira de Castro, no após 25 de Abril, permanece quase esquecido na Imprensa diária portuguesa.

Nós entendemos que a Pátria ainda não lhe prestou (pagou) aquela justa homenagem de gratidão nacional, a que tem jus a universalidade de sua Obra.

Esperamos que os valores que representam a intelectualidade deste país possam, em 1980, glorificar Ferreira de Castro, na sua dimensão de Homem vertical, humanista e escritor. Ou a sua morte se pultou os vivos?

Eurico Andrade Alves.

Erros Alimentares e Saúde Pública

Conclusão da página 1

da Alimentação Racional, do Curso Superior de Nutricionismo da Universidade do Porto.

Esta sessão está a causar a maior expectativa no meio cidadão, não só pela importância e oportunidade do tema, mas também, pela real capacidade do especialista convidado.

O «Convívio» continua assim com sua actividade cultural dando seguimento a um programa elaborado pela sua Direcção, que pretende acima de tudo servir a comunidade.

Por isso se presume que as classes profissionais ligadas à saúde e o público em geral, a quem muito especialmente se dirigem estas actividades, compareçam e intervenham, pela forma como têm vindo a fazê-lo em sessões anteriores para que o objectivo a que se propuseram seja particularmente atingido.

FELTROS INDUSTRIAIS

— para todos os fins —

CASA CHAVES CAMINHA

LISBOA — Av. Rio de Janeiro, 19-B

PORTO — Rua de Santa Teresa, 19

Lotes de Terreno e Casa por acabar

Vendem-se em loteamento magnífico, na Freguesia de Palmeira, junto à estrada Braga-Monção, a 7 km da Cidade

Tel. 24937
BRAGA

COMPRA-SE AO PRODUTOR

- Artesanato
- Artigos regionais
- Artigos feitos à mão

Necessitamos fornecimentos programados, de preferência em regime de contrato e exclusivo. Oferecemos boas condições de pagamento e financiamento, deslocamo-nos a qualquer ponto do país. Resposta ao Apartado 4069, 1062—LISBOA.

Câmara Municipal de Guimarães

Anúncio

Empreitada de «E. M. 580 da E. N. 105 (Urgeses) à E. M. 579/2 (Abacção) por Pinheiro».

Base de licitação: 18.920.089\$50

Em conformidade com a deliberação tomada em sua reunião ordinária, de 26 de Março de 1979, vai a Câmara Municipal de Guimarães realizar, no edifício dos Paços do Concelho, pelas 16 horas do dia 9 do mês de Maio de 1979, o concurso público para a empreitada acima referida, de harmonia com o projecto, programa de concurso e caderno de encargos patentes em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, na Repartição de Obras da Câmara Municipal e podendo os interessados obter cópias autenticadas daquelas peças se o desejarem.

Paços do Concelho de Guimarães, 26 de Abril de 1979.

O Presidente da Câmara Municipal,

Edmundo António Ribeiro Marques de Campos.

Assine o «Comércio»

porque «cada terra tem o seu uso» e ainda porque «a tenda quer-se com quem a entenda».

Reunião da Assembleia Municipal

Na sua última reunião a Assembleia Municipal foi exemplarmente positiva, tendo aprovado casos da maior importância cuja decisão afecta tanto a acção municipal, como os interesses da cidade e do concelho.

Foi aprovado o contrato para a execução do Plano de Urbanização com o Arq.º Fernando Távora, realizado pela Câmara Municipal. Imperou o bom senso o que é de congratular. Foi aprovado o Plano Urbanizador e a respectiva compra dos terrenos situados na zona nordeste da cidade, destinados à construção de 680 novas habitações. Esta grande medida que se traduz por mais habitações e mais dilatada expansão que a cidade tanto carece, toda a demora que teve para ser aprovada deu origem a prejuízos desnecessários, dada a circunstância do crescente aumento do custo das construções. Foi aprovada a criação da Comissão Municipal de Cultura, Recreio e Desporto, e não foi aprovada a proposta n.º 7 sobre a planificação dos Serviços Camarários.

Não se realizou a reunião extraordinária marcada para esse dia com assuntos também de grande interesse.—A. F.

Vende-se

Fotocopiador COPYSTAR electrónico, para papel de formatos A 3, A 4, B 4 e B 5. Bom estado. Falar CASA DAS NOVIDADES.

Isto que se chama DESPORTO

A chamada cultura física é um caso muito sério, porque dela depende a saúde e a vida de quem a pratica e isso é fundamentalmente isento de qualquer intenção de aliciamento de natureza política, coisa que se tem visto agora fazer, promovendo exposições atléticas como corridas pedestres, programadas nas manifestações festivas que assinalam datas nacionais. No último 25 de Abril, em Lisboa, houve uma corrida pedestre com milhares de pseudo-atletas de todas as idades que foi uma demonstração lamentável. Viu-se muitos dos corredores chegarem à meta num estado físico deplorável.

Ora com coisas sérias não se pode brincar.

Correr sem estar habilitado e sem saber, é jogar com a vida dos candidatos a atletas. Agora, um homem com cabelos brancos, pôr-se a correr só para agradar aos compinchas do balro, isso é mesmo que tentar o suicídio. Para correr, para jogar, saltar, elevar-se na barra, fazer argolas, ou rodopiar sobre o cavalo, é preciso exercitar-se, treinar, durante anos, até que a sua complexão física ganhe a resistência, a força e a robustez indispensável para fazer qualquer dessas coisas sem sentir as consequências e os seus efeitos.

A vida da educação física e a vida desportiva deixam sempre mazelas. Temos alguns sinais dessa vida. Um menisco fracturado, uma luxação num cotovelo e nos dois dedos polegares das mãos. O primeiro, conseguido, por um descuido numa sessão diária de ginástica, os outros do basquete. Ora fazer educação física sem ser administrada por um professor competente, é um erro fatal para a integridade do aluno.

E' nos ginásios que se aprende os exercícios, é em casa que diariamente se continuam e depois nos jogos, que se completa a cultura física.

Se desejam fazer esse curso, só têm um meio legítimo, associarem-se no Vitória Sport Clube, concorrerem com as suas quotas para que este Clube construa o seu pavilhão gimnodesportivo e o seu estádio, para ter os seus professores e ali candidatem-se à prática desportiva que desejem seguir ou tenha condições para as praticar. Mas agora armar uns paus ao alto num parque público a que chamam circuito (de quê?... da asneira?...) degradando o local que tem de merecer respeito de todos, por pertencer a uma zona histórica que se colocou muito acima de qualquer intenção duvidosa...

A.

Corrigir as deformações dos pés

As deformações dos pés, por vezes tão pouco evidentes podem ser no entanto responsáveis pela extrema fadiga e incómodo doloroso das pernas e dos pés. Em especial nas crianças, geram graves consequências para o seu desenvolvimento normal e mais tarde, pelo seu agravamento são responsáveis por gravíssimos inconvenientes.

No entanto, podem ser corrigidas por palmilhas medicinais e calçado ortopédico individualizado desde que confeccionados correctamente e rigorosamente sob medida, em observância à prescrição do médico e regularmente comprovadas sob sua orientação.

Em apoio à Ex.^{ma} Classe Médica Instituto Huberto de Portugal, está meticulosamente preparado para assegurar a execução escrupulosa das suas prescrições.

Os nossos Técnicos estão ao vosso dispor, faça pois a sua marcação para ser atendido em: GUIMARÃES na FARMÁCIA NÓBEL, para o dia 11 de Maio, de manhã.

Câmara Municipal de Guimarães Anúncio

Empreitada de «C. M. 1616 e Troço da E. M. 512/4 da E. M. 579 (Gêmeos) à E. M. 512 (Vila Corneira)».

Base de licitação: 6.800.560\$00

Em conformidade com a deliberação tomada em sua reunião ordinária, de 26 Março de 1979, vai a Câmara Municipal de Guimarães realizar, no edifício dos Paços do Concelho, pelas 16 horas do dia 9 do mês de Maio de 1979, o concurso público para a empreitada acima referida, de harmonia com o projecto, programa de concurso e caderno de encargos patentes em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, na Repartição de Obras da Câmara Municipal e podendo os interessados obter cópias autenticadas daquelas peças se o desejarem.

Paços do Concelho de Guimarães, 26 de Abril de 1979.

O Presidente da Câmara Municipal,

Edmundo António Ribeiro Marques de Campos.

Farmácias de Serviço

Hoje — Lobo — telefone, 41124
Amanhã — D. Machado — tel., 40424
Domingo — Hórus — telef., 42329
Segunda — Henrique — telef., 40407
Terça — Pereira — telefone, 42950
Quarta — Barbosa — telef., 40184
Quinta — Nobel — telefone, 40199

REPARAÇÕES DE QUALIDADE

Oficina de Reparações Eléctricas em Automóveis e Bobinagem de Motores

SULPÍCIO RIBEIRO DE OLIVEIRA, L. DA

Av. D. João IV — Telef. 42689

— GUIMARÃES —

ATENÇÃO SURDOS DE GUIMARÃES

VOLTAR A OUVIR É VOLTAR A VIVER

A CASA SONOTONE estará convosco e ao vosso dispor na

Farmácia Hórus — Largo do Toural, 26 — GUIMARÃES



no dia 10 de Maio, quinta-feira, das 15 às 18,30 horas,

onde vos apresentará a mais moderna e completa gama de aparelhagem auditiva para adaptação racional a cada caso individual: Oculos auditivos — Modelos de bolso — Modelos retroauriculares — Modelos Pérola IV e Miracle VI (usados dentro do ouvido, sem fios nem tubos) e os sensacionais Modelos Populares.

A CASA SONOTONE faculta-vos gratuitamente e sem compromisso exames audiométricos e experiências práticas.

Visite-nos no dia 10, na FARMÁCIA HÓRUS, das 15 às 18,30 horas.

CASA SONOTONE

Praça da Batalha, 92-1.º — PORTO Poço do Borratém, 33 s1 — LISBOA

REPAROS DE PERTO E DE LONGE

Conclusão da página 1

vra—que nestes casos é uma palavra de honra.

O tempo urge, sem dúvida, mas há que esperar e confiar.

Opinião de verdadeiros especialistas

O chefe de redacção de um jornal de «New Haven» (Connecticut, EUA) recebeu uma carta apelando à necessidade de melhorar o trabalho da polícia, e não lhe prestou atenção de maior. A carta ter-se-ia sumido nos arquivos da redacção se a morada do remetente—25, Whalley Avenue — não tivesse chamado a atenção de um dos redactores. E' que se trata precisamente do endereço da prisão municipal. Ao ser averiguado o caso, verificou-se que os autores da carta eram os próprios detidos. Um deles queixava-se inclusive de a mulher ter medo de o ir visitar, devido à onda de crimes existente na zona. As autoridades acabaram por ouvir os queixosos: foi melhorada a iluminação pública e aumentou o número de patrulhas policiais nas imediações da prisão.

Ainda bem que o pedido foi atendido.

Recursos para ganhar-dinheiro

Segundo cálculos moderados, os vendedores ingleses de carros usados ganham 10 milhões de libras por ano, acima do valor da mercadoria. O processo descrito pela imprensa, é simples: basta reduzir a quilometragem indicada no contador para aumentar o preço, nas devidas proporções. Mais de metade dos carros são vendidos com este processo. O director geral da organização «Comércio Honesto» («Fair Tradidg»), G. Borrie, qualificou o sistema de «burla em grande escala».

Ora, estas «habilidades» serão possíveis em toda a parte e não apenas em terras de John Bull.

Enriquecer é ambição de todos. Os meios... todos podem servir.

Aglomeracões

Continuam as aglomerações de gente que parece não ter que fazer, em vários passeios citadinos.

Quem precisa de andar e não tenha tempo a perder, esbarra com esses grupinhos palradores que não se importam de causar embaraços aos outros.

Um «problema» que bem precisa ser resolvido.

Negócios

A televisão do Cairo sucumbiu à última moda: comprar às companhias de televisão e de cinema estrangeiras programas onde figuram... actores egípcios. A passagem de uma entrevista com uma vedeta local, comprada a uma companhia estrangeira, custa várias vezes mais cara do que se fosse feita TV egípcia. A revista caiota «Rose el-Youssef» compara a televisão do Estado ao provinciano de uma anedota que, durante a sua primeira visita à capital, «comprou» um autocarro municipal, vendido por burlões empreendedores.

Se não é anedota, ainda parece...

Os males prevalecem

Os buracos e desnivelamentos nos passeios continuam e em tempo de inverno rigoroso tudo se tem agravado. Zonas de lama e de água tornam-nos intransi-

Instalações eléctricas

EM GERAL

Reparações

por pessoal QUALIFICADO

J. MONTENEGRO, L.DA

Rua de S. Gonçalo, 1052 168
Rua de Alcobaca, 59 163
Telefone 42258 19

GUIMARAES

táveis. Estes males prevalecem com todas as suas consequências desagradáveis e já há muito tempo.

Impõem-se, pois, as necessárias reparações. Além do mais e em pontos centrais, a coisa é, surpreendentemente, feia e desprimorosa para quem nos visita.

Contra e a favor do tabaco

Organizações sociais e estabelecimentos médicos britânicos lançaram uma campanha contra a barulhenta publicidade ao tabaco. Vários organismos governamentais juntaram-se a esta campanha. Assim, a campanha de 1976 contra o vício do tabaco, custou à Grã-Bretanha um milhão de libras esterlinas. Porém, as sociedades produtivas de cigarros dispenderam com a publicidade, no mesmo período, 80 vezes mais. Os rendimentos dos sete monopólios multinacionais do tabaco cifraram-se, em 1976, em 32 mil milhões de dólares. Num ano, segundo a Organização Mundial de Saúde, o vício do tabaco custa à Inglaterra 50 milhões de dias de trabalho perdidos.

O COMÉRCIO DE GUIMARÃES

Propriedade da

Empresa Gráfica do Jornal O Comércio de Guimarães, Limitada

Redacção, Administração, Composição e Impressão:

Rua D. João I, 59-61 — Telefone, 42508 — GUIMARAES